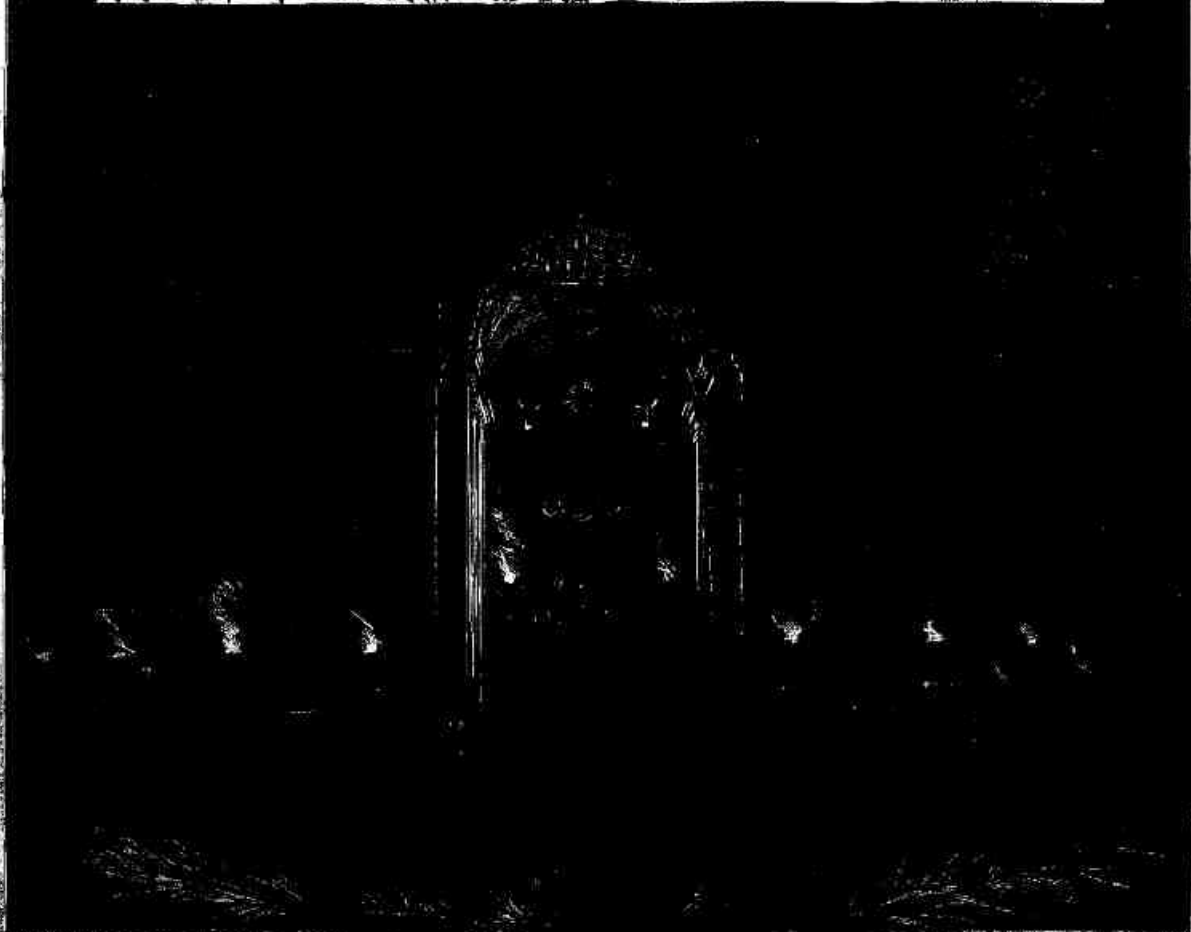


# A ILLUSTRAÇÃO



VICTOR HUGO NO LEITO MORTUARIO. — O ARCO DO TRIUMFO. — O CRECHÃO DO CORTEJO.



## V. HUGO JULGADO POR JUNQUEIRO

**I**GNORANTES de todas as idades, medíocres de todos os feitos, pessimistas da água-morna, audaciosos do capilé, descrentes de pataco — vós todos que sois o bando pôdre, epidêmico, cholerico, de portugueses que não toem confiança alguma no que portugueses ainda valem... que ao menos uma só vez na vida a luz se faça em vossos crâneos de cartão, para comprehendem que ainda pode haver um poeta e um portuguez que o chamado mundo civilisado ignora — que é capaz de dizer mais e melhor do que tudo quanto em França se disse, por occasião da morte de Hugo!...

Melhor, sim, mil vezes melhor do que tudo quanto Paris ouviu, do que tudo quanto Paris pôde ler!

Vocês todos vão gritar contra a infâmia que n'este momento vai correr por esta chronica fóra! Vocês todos vão dizer á França, n'um francez mascarado, que eu a insulto, que eu enxovalho Paris — este glorioso Paris que produziu Hugo e que enterrou Hugo... como só Hugo devia ser enterrado!

Mas não são vocês que me intimidam. Lá diz o proverbio arabe, que Lesseps traduziu diante da Academia franceza: *Os cães ladram, mas a caravana passa.* E eu hei de passar todas as vezes que tiver de dizer uma verdade, sinceramente, aos meus leitores; todas as vezes que for preciso reparar uma injustiça; todas as vezes que for preciso destruir uma mentira — como esta famosa mentira do chronista Barros Lobo dizendo soberanamente n'uma carta em francez a Dumas filho — que Emilio Zola tinha recebido 1,500 francos por direitos de traducção do *Germinal*. Ora eu n'isto, farei pês; e fui a caça de Zola que me autorizou a declarar em seu nome, que apenas se tratava d'uma somma de 300 francos — o que vim, polidamente, dizer ao publico. Esta minha illucidação, lança Barros em tras cervaes. Mas não querendo confessar que tinha sido illudido ou que se tinha enganado, o que era naturalissimo, vesteo pseudonymo de *Baldemario* para me dizer que não faz «chronicas a garotos». Se em Lisboa houvesse, como ha em Paris, um syndicato da imprensa para o qual todo o jornalista recorre quando é insultado grosseiramente, sem de modo algum ter provocado um tal insulto, veríamos hoje o sr. Barros Lobo pelo syndicato *mis à l'index* — por insolente! Em compensação, pelo mesmo corteio em que elle me chamava *garoto*, os jornalistas e os homens de letras de Lisboa nomeavam-me seu representante nos funerais de Victor Hugo. Fiquei vingado do sr. Barros Lobo... Quanto á palavra *garoto* devo dizer, porque conheço o personagem, porque sei que a insolencia augmenta sempre com a covardia, que elle escreveu a palavra sabendo perfeitamente a distancia que vai de Paris a Lisboa... Tambem não é homem que mereça o sacrificio d'uma tal viagem. Almocreves somos... na estrada andamos... nós nos veremos um dia, frente a frente... talvez mais cedo do que o lobo pensa!

Sim, meus queridos leitores, ali estão os documentos que provam o que eu quero affirmar.

A morte de Hugo só inspirou as imagens de

Paris artigos mais ou menos vulgares. Os jornaes publicados no dia immediato ao da morte do poeta eram tristes de ler — tristes pelos lugares communs de que estavam cheios; tristes pela frieza com que eram escriptos; tristes pelas lagrimas postigas, pelos soluços theatraes que apregoavam... E em nenhum artigo o coração d'um gigante, d'um gigante que uiva de dor! Em nenhum artigo o pulso d'um athleta, obrigando uma multidão indifferente a ajoelhar!...

E d'uma terra obscura de Portugal é que chegou esse grito, é que se sentio esse pulso! Victor Hugo ainda produziu, mesmo depois de morto, pelo cerebro d'um outro poeta, uma nova obra-prima!...

Eu li as lagrimas sentidas dos discipulos fieis, de Theodore de Banville e de Catulle Mendès, no dia em que foi annunciada a morte do sublime velho; os elogios ao semi-Deus, de Armand Sylvestre e de Léon Cladel, subindo em ondas para o céu, eguaes aos fumos azulados que se evolvam dos thuribulos para as cupulas das egrejas; os prantos e os soluços dos amigos dedicados, dos companheiros de desgraça e de felicidade, de Vacquerie e de Lockroy; este famoso artigo de Renan, publicado no *Figaro*, onde o philosopho entra no crânio do poeta, e vem dizer no publico o que é a philosophia d'este Artista que acaba de morrer; eu tambem li o ultimo *Adeus* de Leconte de Lisle; o discurso funebre de Floquet, em nome da Camara; de Augier, em nome da Academia... Li-os todos, todos... Mas não li nenhuma lagrima, nenhum *Adeus*, nenhum discurso, que vallesse este artigo publicado na *Provincia* do Porto; — nenhum, que pouco a pouco me fizesse erguer da cadeira; que pouco a pouco me fizesse subir o sangue á cabeça; que me obrigasse a lê-lo, a declamar o em alta voz: gesticulando, chorando, a garganta secca, a voz por fim quasi sumida! Nenhum que fôsse este grito de fera implacavelmente ferida sobre os peitos! Nenhum que fôsse este choro, meio desalento, meio odio; este punho cerrado voltando-se para o Infinito, e quasi ameaçando Deus por semelhante roubo feito á humanidade inteira!...

E este grito é tanto mais extraordinario, quando se souber que escrever prosa é para Guerra Junqueiro a maior das torturas. Ainda ha pouco tempo me escrevia elle uma larga carta que eu guardo preciosamente, e onde o poeta me dizia:

Não sei escrever prosa. A enção é simples. Trabalho de côr, andando, por accessos. As crises nervosas, que muita gente utiliza para tomar bromuretos, eu empregoo-as para fazer versos. Pôra d'esses momentos electricos, de vibracão intensa, em que a obra me sai com a rapidéz do relampago, d'um facto, eu sou apenas um samsaborão inoffensivo, um Z... (não posso copiar o nome do jornalista a quem o poeta allude) como qualquer outro.

Nestas condicções escrever prosa, além de ser um tormento, é uma asneira.

Quando em tempo escrevi durante mezes folhetins romances para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, via-me obrigado a dictar-os. Unico meio! Sentado, imovel, com a penna na mão e um caderno de papel virgem diante de mim, sinto-me immediatamente idiota, peixe vermelho, X. Z... (agui, outro nome de jornalista!)

É a essa carta, que para mim vale mais que uma carta de conselho, que eu ainda vou tirar estas linhas, certo como estou de que os leitores da *Illustração* as vão apreciar como ouro do mais precioso quilate.

A vida, meu caro amigo, é um vinho precioso que deve ser saboreado á pequenos cálices, e que nós emborcamos, almocrevemente, aos almocados. Cada dia de vida, cada vinte e quatro horas de existencia que Deus nos concede, é como uma folha de papel amarelado, que nós deveriamos encher de bellas ideias e nobres pensamentos,

o que nós, com a nossa imprevidencia esbanjadora, enchemos a maior parte das vezes ou de borrões da tinta ou de pingos do cálio.

A Arte é a eternidade — e a vida é o minuto.

Mas não é este o tom do artigo acerca de Victor Hugo. Na carta revela-se apenas o poeta escrevendo simplesmente, ao acaso da penna e da ironia, ao amigo de letras que tanto admira e tanto respeita o lyrico Impeccavel da *Musa em férias*. No artigo, é o leão que accorde, o leão que uma triste carcassa humana torna igual de todos os homens — é a fera rugindo n'um pedaço de papel d'imprensa... lançando logo, para abrir, este prodigioso grito que em si synthetisa todas as criticas feitas e todas as criticas por fazer:

Victor Hugo, como poeta, encheu o seu seculo até ao ultimo andar. Os outros, quer os que morreram, quer os que ficaram, hão-de caber todos juntos, e muito á vontade — na agulha furada.

E mais adiante, este arrojo igual a todos os arrojos de Victor Hugo:

Eschilo, Virgilio, Juvenal, Dante, Cervantes, Shakespeare e Molière — essas sete almas que não um senatello — quiseram um dia conhecer-se, viver reunidas, intimamente, no mesmo predio. Marcaram o dia e o lugar do encontro. O dia foi 26 de fevereiro de 1803. O lugar foi o cerebro de Victor Hugo. E ali está como d'um simples crânio se fez um ninho d'angulas! As sete parcelas enormes deram Hugo, a somma monstruosa. Dir-se-ia que Deus, não podendo moldar o colosso d'uma só vez e d'uma só peça, o fôra fabricando através dos seculos, vagarosamente — aos bocados!

E não pensem que este artigo é todo elle sublime; que diante de cada periodo se fique boquiaberto — como diante da cousa rara e delicada que nós vemos pelos museus, através das crystaes das vitrines. Não. Ha por ali muita cousa irregular, muita cousa confusa, escripta n'um momento de allucinação. Muita cousa que o artista teria illiminado, se o artigo não tivesse ido para o jornal ainda sob a influencia das «crises nervosas» de que elle me falla.

Ha logo no começo esta imagem bem pobre, no meio d'um estylo tão rico:

A existencia litteraria de Victor Hugo é a viagem á roda do universo em 80 annos.

A parte que allude aos *Châtiments* é fraca como critica, é confusa como impressão. Mas toda ella se salva com esta synthese final, esta soberba synthese onde o poeta reunio em dois periodos bem rapidos não só impressões, mas tambem toda a critica da obra:

O segundo Imperio, essa Gomorra, foi carbonizado pelos *Châtiments*, essa lavareda. Sobre a camada da trime, tombou do alto uma camada de escarros!

O seculo XIX proporciona-lhe a occasião de dizer cousas adoraveis.

A sua obra (*a de Hugo*) tem todas as grandezas e todos os defeitos do seu tempo. O seculo XIX é sobretudo um seculo de critica e de analyse. Tudo se investiga, tudo se observa, tudo se mede, tudo se calcula, tudo se explica. Hoje um sabio decompõe um Deus, dentro d'uma roleta, em todas as suas origens, tal e qual como uma amostra de minério em todos os seus elementos. Reinas ignoradas, cidades extinctas, povos desconhecidos, que dormiam ha milhares ou milhões d'annos debaixo d'um repulchro impenetravel de cinza ou de granito, são um bello dia desenterrados e reconhecidos pela penna, mathematicamente, como um boneco que se partira. Se falta alguma, faz-se de novo, e tão perfeita que se não distingue. O nosso seculo fez o inventario da civilizacao. Deu-se um grande balanço á humanidade e á Natureza.



N'estas condições o que o artista ganhou em opulência de phantasia, em abundância de imagens e em riqueza de ideias, perdeu em sentimento espontâneo, em virginalidade nativa e simples de inspiração e de execução. Ou cederam, como as cascas, aulhamas do brin a brin. O estranho, é piliroscopo, é exótico, é resplandecente, mas no fim do conto é mais ou menos hymanimo. A simplicidade genial do P. Parthenon. A imaginação faustosa e erudita da grande Opera de Paris.

Em todo o artigo ha d'estes traços magnificos, d'estes arranjos de genio, como se se encontram na obra de Janquiere, em boa parte imbuída pela obra de Victor Hugo. E nada mais apreciavel no poeta que voluntariamente se exilou em Vianna do Castello, do que esta *fantasia* desordenada de cousas tão brilhantes e tão oppositas que sempre surge nas suas prosas. Aqui, pedações de critica; acolá, mundos de irony; de quando em quando, cascabelho ironias de satyro, por entre as douradas encruzilhadas do estylo; de quando em quando, soltando gritos de entusiasmo, ou grãos de dor, como um desgosto que queimam a fogo lento.

Mas onde o artigo a que alludo n'esta chronica toma proporções colossaes é quando o poeta se aproxima do ponto final — é quando o poeta tem, por assim dizer, de se separar para sempre do venerando Messas; é quando elle tem de lhe dizer o derradeiro Adeus. Ha muito que não leio um trecho tão eloquente em lingua portugueza; ha muito que não vejo vibrar tão prodigiosamente uma alma; dizer sobre e tumulo d'um artista que foi grande, cousas tão brilhantes — como este elogio final do poeta dos Châtiments, pelo poeta da Mesa em ferias:

Velloso Hugo, meu santo e divino Messas, podes dormir serenamente na tua cama, porque aproveitaste o teu dia! Ninguém como tu, n'uma planície tão vasta rasgou um sulco tão profundo. E que a charrua em do bronze, guiada por Hercules, e tirada triunfalmente a com parreiras de lobes!

Ah, eu sei perfeitamente, meu enorme Poeta Todo-Poderoso, que, perante os deus infinitos do Tempo e do Espaço, toda a obra do homem, por maior que seja, é coisa vã, orgulho cecill, arguente invisivel. Se as grandes obras do Creador — os mundos — se extinguem momentaneamente e se sepultam sem epitaphio na valla commum illimitada do firmamento, o que aconteceu então ás obras dos homens — productos microscopicos d'um vislumbre de luz n'um instante de vida! Em todo caso a tua gloria ha de durar enquanto que á superfície do globo houver transmittido o fogo fútil d'uma alma.

O tempo é o oceano. As ondas são os séculos. Ondas sem numero, a'um oceano sem rimas! Pois bem, a tua gloria alcançada assemelha-se a um enorme castelo Gillian, que o oceano do tempo ha de ir submergindo irremediavelmente, continuamente, pouco a pouco, com os seus negros vagalhões silenciosos. Mas o que eu te posso affirmar, gigante, é que, quando a agua te der pelos joelhos, já todos os poetas do teu tempo estarão ha muito, de ventos incluído, no fundo do mar. E por mais que a maré cresça, por mais que as ondas deabem roucas e titanicas, em outro convulsão que a tua cabeça olympica ha de ficar eternamente de fóra, — alheio as estrelas.

E é por isso que eu acho perfeitamente digno que o teu cadaver entre para a eternidade por um arco de triumpho, e que seja necessario desalojar um Deus para o alojar a elle!

Quando um artista produz semelhantes obras-primas, quando um homem com uma penna sabe gravar em papel uma tal harmonia de palavras — eu não sei se se chega a ser crime extor por vezes tanto tempo sem deixar que uma janella d'aquelle tempo se abra para o azul; para que nós vejamos evolar-se lá de dentro o bando triumphante das ideias, as ideias.

Eu sei que Janquiere temem, breve concluida a impressão da *Velha do Padre Eterno*, ha tanto tempo ambicionaria. Mas em todo o caso o que nós todos devemos pedir-lhe em obra, de júbilo, de mãos postas é que elle, discípulo glorioso de Hugo, siga também o Mestre a esta

sua constância ao trabalho, n'este seu habito de operario trabalhando todos os dias, produzindo todos os annos — o que fez com que elle vivesse uma vida regular e produzisse todas as obras em que tinha pensado — como Zola, como Daudet, dois homens doentes, mas que todos os annos produzem um volume.

As condições actuaes de Janquiere, para trabalhar, são excellentes, segundo depoimento do que elle me escreveu ainda ha pouco tempo:

Meu de Lisboa, e amigo! paraceste Minho, a'gora, feliz, respaldado, para esse pais de tranquillidade, de luz, de paz, onde o vento não tem fôrça e a arvore não tem sede, onde a terra é um sorriso, onde o ar é um benção, e onde a alma humana finalmente se pode consolar, clarificar, fundir com o religioso com a alma sagrada, a alma eterna da Natureza, nosso *Idae*. □

Somente o poeta, se me não engano, fica tempo de mais á sua janella a ver os prodigios da Natureza, e esquece que o artista não vem apenas ao mundo para olhar para os estrellas do firmamento — também tem que nos mostrar aquelles que brillham no firmamento azul da sua alma...

MARIANO PINA.

P.-S. — Acabo de receber uma carta de Eça de Queiroz que neste momento se acha em Lisboa. O assumpto é também Hugo. O illustre romancista do Primo Bazilio, apenas Hugo morreu, teve a ideia de escrever um opusculo sobre o poeta dos Châtiments e a sua influencia na geração de Quinet. Mas como este é um Hugolatra, assim como Janquiere, n'aquelle momento não foi capaz de criticar, sabendo apenas deitar flores sobre o cadáver. Alludindo ao discurso de Guerra Janquiere no Porto e ao estudo que Eça desejou fazer logo em seguida á morte do poeta, o meu querido amigo escreve: «... Deante do Homem morto, a foi-se a ideia e a phrase. So saímos agitados as palmas verdes da apothose. » — Mas passado o momento de enthusiasmo, Eça de Queiroz volta de novo á ideia do seu estudo sobre Hugo — estudo que elle destina á *Illustração* e que nos vai ser enviado proximoamente. É portanto á *Illustração* que cabe a honra de dizer ao publico, pela penna de Eça de Queiroz, qual foi a influencia de Hugo sobre uma geração que contou e ainda conta nomes illustres, tais como Antero do Quental, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, João Penha, Guilherme Braga, Anselmo d'Andrade, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, etc., etc.

Espero que este estudo começará a ser publicado no proximo numero do nosso jornal.

M. P.

Como os nossos leitores devem julgar pelo presente numero, apesar do muito reduzirmos as dimensões das nossas gravuras, não nos bastou o nosso habitual numero de paginas so para darmos as gravuras que apenas dizem respeito ao funeral do grande poeta. Temes de lado ainda bastantes cunctas que reclamam publicidade. Como todo quanto diga respeito a Victor Hugo interessa profundamente todo o publico, nós declaramos aos nossos compradores que não só no proximo numero 13, mas em outros futuros, iremos dando gravuras que são do maior interesse artistico e historico. Assim no proximo numero publicaremos uma gravura de pagina, uma primorosa alegoria representando Victor Hugo e a sua obra — o poeta sentado n'uma cadeira e tendo em volta de si todos os personagens dos seus prodigiosos dramas, romances e poemas.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### FUNERAES DE VICTOR HUGO

Pelas suas representações, as gravuras e a extrínseca existência nas mais nobres funcões da patria e fizeram a um grande homem por um grande país. Foi um a'lmavel espectral, que nunca mais poderá ser esquecido por todos quantos o contemplaram, e que as nossas gravuras tinham de fazer reviver diante dos olhos d'aquelles que não puderam ser testemunhas.

Excu-sado seria de crey e fútilmente a a'nosso leitores o que foi o dia 22 de junho de 1885. Fôz entáo, que foi uma a'obras, como proporeções, que os jornais de todas as partes do mundo se encarregaram ja de descrever pelo mudo os episodios d'esto morte e a brilhantissimo d'este cortejo onde todos os países se fizeram representar, especialmente Portugal e Brazil.

Correu Luthelins no cortejo appareceam: uma magnifica da Gazeta do Noticias do Rio de Janeiro, que foi colhida no 2º carro pelo correspondente em Paris d'aquella folha e nosso director Mariano Pina; o illustre poeta Luiz Guimarães; um do jornal o País; uma que foi muito applaudida em todo o cortejo, da colonia franceza do Rio de Janeiro; e uma do sr. Lopes Trowa, em nome d'um club republicano do Rio. Consta-nos que ainda havia outras — mas não as vimos.

Correu portugetas no cortejo appareceam: uma magnifica em nome dos jornalistas e homens de letras de Lisboa que nomearam seu representante em Paris o sr. Alarinho Pina, acompanhado dos srs. Mariano de Carvalho e Chrysostomo Melicio, deputados, redactores do Diário Popular e do Commercio de Portugal, de passagem em Paris; uma do nosso collega Trigueiros de Marçal em nome do Seculo; uma da Folha Nova do Poeta e outras dos jornalistas portuguezes, ambos deposedos por Joaquim Coimbra, o poeta conhecido pelo nome de Raul Didiu, que ha tres annos habita em Paris; e uma magnifica da Escola Moderna do Porto.

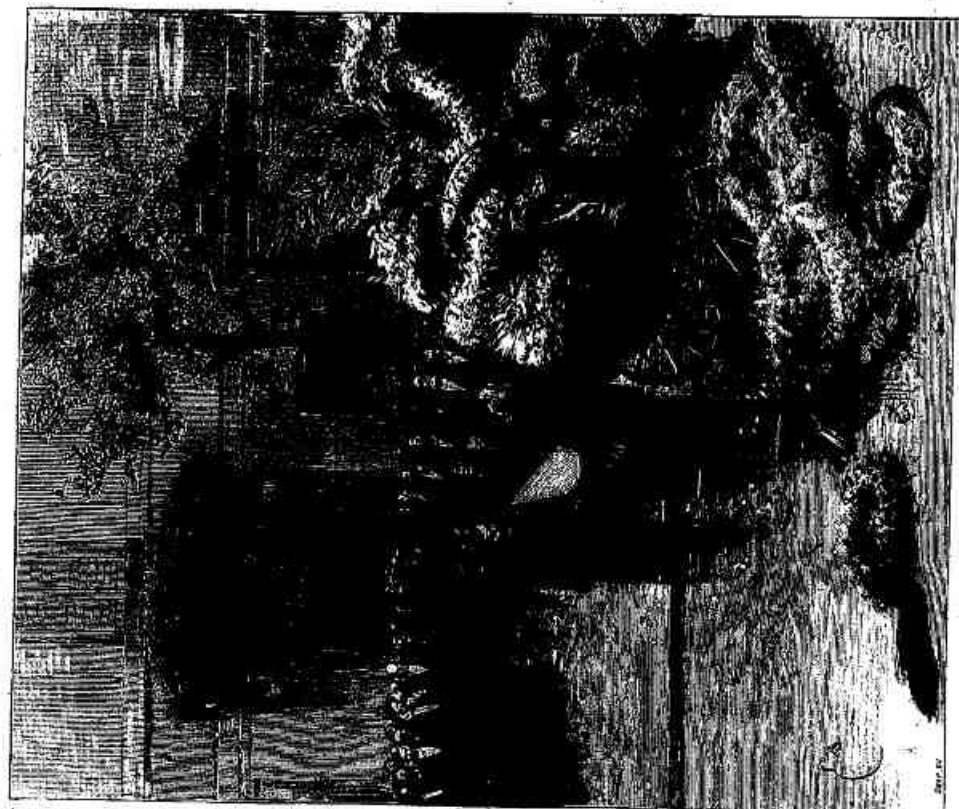
No cortejo o nosso director representava ainda este jornal e a Província do Poeta, o novo jornal de que é director e redactor politico o illustre historiador. Oliveira Martins.

Na A Illustração no seu ultimo numero mostrou aos seus leitores todas as cousas que diziam respeito á vida de Victor Hugo. N'este numero procura mostrar-lhes o que se passou durante a sua morte. Pelas suas circumstancias especiaes, porque se imprimiu em Paris, a Illustração julga que deve ser n'este momento o jornal que mais deve interessar o publico. É por este facto que hoje galgamos por cima de difficuldades e de sacrificios, e tratamos de reunir tudo quanto existe de mais curioso e que mais valor historico possui.

Na A Illustração a pagina representa Victor Hugo deitado no leito, já morto; representa um aspecto d'este Anco do Triumpho onde se ergue o famoso catafalco; e mostra um pedaço do cortejo. O curioso desenho que a nossa gravura representa é devido a Adrien Marie, um dos faros desenhadores que tiveram a honra de ser admitidos no quarto funebre. Além d'esto desenho representando Victor Hugo deitado no leito, o poeta pintado por Bonnat, um quadro de Flamengo, um estudo em gesso de Diderot, e um retrato de Hugo de Nodding.

Além d'estes desenhos e estudos, ha no presente numero da A Illustração, a pagina 10, a pagina 11, a pagina 12, a pagina 13, a pagina 14, a pagina 15, a pagina 16, a pagina 17, a pagina 18, a pagina 19, a pagina 20, a pagina 21, a pagina 22, a pagina 23, a pagina 24, a pagina 25, a pagina 26, a pagina 27, a pagina 28, a pagina 29, a pagina 30, a pagina 31, a pagina 32, a pagina 33, a pagina 34, a pagina 35, a pagina 36, a pagina 37, a pagina 38, a pagina 39, a pagina 40, a pagina 41, a pagina 42, a pagina 43, a pagina 44, a pagina 45, a pagina 46, a pagina 47, a pagina 48, a pagina 49, a pagina 50, a pagina 51, a pagina 52, a pagina 53, a pagina 54, a pagina 55, a pagina 56, a pagina 57, a pagina 58, a pagina 59, a pagina 60, a pagina 61, a pagina 62, a pagina 63, a pagina 64, a pagina 65, a pagina 66, a pagina 67, a pagina 68, a pagina 69, a pagina 70, a pagina 71, a pagina 72, a pagina 73, a pagina 74, a pagina 75, a pagina 76, a pagina 77, a pagina 78, a pagina 79, a pagina 80, a pagina 81, a pagina 82, a pagina 83, a pagina 84, a pagina 85, a pagina 86, a pagina 87, a pagina 88, a pagina 89, a pagina 90, a pagina 91, a pagina 92, a pagina 93, a pagina 94, a pagina 95, a pagina 96, a pagina 97, a pagina 98, a pagina 99, a pagina 100, a pagina 101, a pagina 102, a pagina 103, a pagina 104, a pagina 105, a pagina 106, a pagina 107, a pagina 108, a pagina 109, a pagina 110, a pagina 111, a pagina 112, a pagina 113, a pagina 114, a pagina 115, a pagina 116, a pagina 117, a pagina 118, a pagina 119, a pagina 120, a pagina 121, a pagina 122, a pagina 123, a pagina 124, a pagina 125, a pagina 126, a pagina 127, a pagina 128, a pagina 129, a pagina 130, a pagina 131, a pagina 132, a pagina 133, a pagina 134, a pagina 135, a pagina 136, a pagina 137, a pagina 138, a pagina 139, a pagina 140, a pagina 141, a pagina 142, a pagina 143, a pagina 144, a pagina 145, a pagina 146, a pagina 147, a pagina 148, a pagina 149, a pagina 150, a pagina 151, a pagina 152, a pagina 153, a pagina 154, a pagina 155, a pagina 156, a pagina 157, a pagina 158, a pagina 159, a pagina 160, a pagina 161, a pagina 162, a pagina 163, a pagina 164, a pagina 165, a pagina 166, a pagina 167, a pagina 168, a pagina 169, a pagina 170, a pagina 171, a pagina 172, a pagina 173, a pagina 174, a pagina 175, a pagina 176, a pagina 177, a pagina 178, a pagina 179, a pagina 180, a pagina 181, a pagina 182, a pagina 183, a pagina 184, a pagina 185, a pagina 186, a pagina 187, a pagina 188, a pagina 189, a pagina 190, a pagina 191, a pagina 192, a pagina 193, a pagina 194, a pagina 195, a pagina 196, a pagina 197, a pagina 198, a pagina 199, a pagina 200, a pagina 201, a pagina 202, a pagina 203, a pagina 204, a pagina 205, a pagina 206, a pagina 207, a pagina 208, a pagina 209, a pagina 210, a pagina 211, a pagina 212, a pagina 213, a pagina 214, a pagina 215, a pagina 216, a pagina 217, a pagina 218, a pagina 219, a pagina 220, a pagina 221, a pagina 222, a pagina 223, a pagina 224, a pagina 225, a pagina 226, a pagina 227, a pagina 228, a pagina 229, a pagina 230, a pagina 231, a pagina 232, a pagina 233, a pagina 234, a pagina 235, a pagina 236, a pagina 237, a pagina 238, a pagina 239, a pagina 240, a pagina 241, a pagina 242, a pagina 243, a pagina 244, a pagina 245, a pagina 246, a pagina 247, a pagina 248, a pagina 249, a pagina 250, a pagina 251, a pagina 252, a pagina 253, a pagina 254, a pagina 255, a pagina 256, a pagina 257, a pagina 258, a pagina 259, a pagina 260, a pagina 261, a pagina 262, a pagina 263, a pagina 264, a pagina 265, a pagina 266, a pagina 267, a pagina 268, a pagina 269, a pagina 270, a pagina 271, a pagina 272, a pagina 273, a pagina 274, a pagina 275, a pagina 276, a pagina 277, a pagina 278, a pagina 279, a pagina 280, a pagina 281, a pagina 282, a pagina 283, a pagina 284, a pagina 285, a pagina 286, a pagina 287, a pagina 288, a pagina 289, a pagina 290, a pagina 291, a pagina 292, a pagina 293, a pagina 294, a pagina 295, a pagina 296, a pagina 297, a pagina 298, a pagina 299, a pagina 300, a pagina 301, a pagina 302, a pagina 303, a pagina 304, a pagina 305, a pagina 306, a pagina 307, a pagina 308, a pagina 309, a pagina 310, a pagina 311, a pagina 312, a pagina 313, a pagina 314, a pagina 315, a pagina 316, a pagina 317, a pagina 318, a pagina 319, a pagina 320, a pagina 321, a pagina 322, a pagina 323, a pagina 324, a pagina 325, a pagina 326, a pagina 327, a pagina 328, a pagina 329, a pagina 330, a pagina 331, a pagina 332, a pagina 333, a pagina 334, a pagina 335, a pagina 336, a pagina 337, a pagina 338, a pagina 339, a pagina 340, a pagina 341, a pagina 342, a pagina 343, a pagina 344, a pagina 345, a pagina 346, a pagina 347, a pagina 348, a pagina 349, a pagina 350, a pagina 351, a pagina 352, a pagina 353, a pagina 354, a pagina 355, a pagina 356, a pagina 357, a pagina 358, a pagina 359, a pagina 360, a pagina 361, a pagina 362, a pagina 363, a pagina 364, a pagina 365, a pagina 366, a pagina 367, a pagina 368, a pagina 369, a pagina 370, a pagina 371, a pagina 372, a pagina 373, a pagina 374, a pagina 375, a pagina 376, a pagina 377, a pagina 378, a pagina 379, a pagina 380, a pagina 381, a pagina 382, a pagina 383, a pagina 384, a pagina 385, a pagina 386, a pagina 387, a pagina 388, a pagina 389, a pagina 390, a pagina 391, a pagina 392, a pagina 393, a pagina 394, a pagina 395, a pagina 396, a pagina 397, a pagina 398, a pagina 399, a pagina 400, a pagina 401, a pagina 402, a pagina 403, a pagina 404, a pagina 405, a pagina 406, a pagina 407, a pagina 408, a pagina 409, a pagina 410, a pagina 411, a pagina 412, a pagina 413, a pagina 414, a pagina 415, a pagina 416, a pagina 417, a pagina 418, a pagina 419, a pagina 420, a pagina 421, a pagina 422, a pagina 423, a pagina 424, a pagina 425, a pagina 426, a pagina 427, a pagina 428, a pagina 429, a pagina 430, a pagina 431, a pagina 432, a pagina 433, a pagina 434, a pagina 435, a pagina 436, a pagina 437, a pagina 438, a pagina 439, a pagina 440, a pagina 441, a pagina 442, a pagina 443, a pagina 444, a pagina 445, a pagina 446, a pagina 447, a pagina 448, a pagina 449, a pagina 450, a pagina 451, a pagina 452, a pagina 453, a pagina 454, a pagina 455, a pagina 456, a pagina 457, a pagina 458, a pagina 459, a pagina 460, a pagina 461, a pagina 462, a pagina 463, a pagina 464, a pagina 465, a pagina 466, a pagina 467, a pagina 468, a pagina 469, a pagina 470, a pagina 471, a pagina 472, a pagina 473, a pagina 474, a pagina 475, a pagina 476, a pagina 477, a pagina 478, a pagina 479, a pagina 480, a pagina 481, a pagina 482, a pagina 483, a pagina 484, a pagina 485, a pagina 486, a pagina 487, a pagina 488, a pagina 489, a pagina 490, a pagina 491, a pagina 492, a pagina 493, a pagina 494, a pagina 495, a pagina 496, a pagina 497, a pagina 498, a pagina 499, a pagina 500, a pagina 501, a pagina 502, a pagina 503, a pagina 504, a pagina 505, a pagina 506, a pagina 507, a pagina 508, a pagina 509, a pagina 510, a pagina 511, a pagina 512, a pagina 513, a pagina 514, a pagina 515, a pagina 516, a pagina 517, a pagina 518, a pagina 519, a pagina 520, a pagina 521, a pagina 522, a pagina 523, a pagina 524, a pagina 525, a pagina 526, a pagina 527, a pagina 528, a pagina 529, a pagina 530, a pagina 531, a pagina 532, a pagina 533, a pagina 534, a pagina 535, a pagina 536, a pagina 537, a pagina 538, a pagina 539, a pagina 540, a pagina 541, a pagina 542, a pagina 543, a pagina 544, a pagina 545, a pagina 546, a pagina 547, a pagina 548, a pagina 549, a pagina 550, a pagina 551, a pagina 552, a pagina 553, a pagina 554, a pagina 555, a pagina 556, a pagina 557, a pagina 558, a pagina 559, a pagina 560, a pagina 561, a pagina 562, a pagina 563, a pagina 564, a pagina 565, a pagina 566, a pagina 567, a pagina 568, a pagina 569, a pagina 570, a pagina 571, a pagina 572, a pagina 573, a pagina 574, a pagina 575, a pagina 576, a pagina 577, a pagina 578, a pagina 579, a pagina 580, a pagina 581, a pagina 582, a pagina 583, a pagina 584, a pagina 585, a pagina 586, a pagina 587, a pagina 588, a pagina 589, a pagina 590, a pagina 591, a pagina 592, a pagina 593, a pagina 594, a pagina 595, a pagina 596, a pagina 597, a pagina 598, a pagina 599, a pagina 600, a pagina 601, a pagina 602, a pagina 603, a pagina 604, a pagina 605, a pagina 606, a pagina 607, a pagina 608, a pagina 609, a pagina 610, a pagina 611, a pagina 612, a pagina 613, a pagina 614, a pagina 615, a pagina 616, a pagina 617, a pagina 618, a pagina 619, a pagina 620, a pagina 621, a pagina 622, a pagina 623, a pagina 624, a pagina 625, a pagina 626, a pagina 627, a pagina 628, a pagina 629, a pagina 630, a pagina 631, a pagina 632, a pagina 633, a pagina 634, a pagina 635, a pagina 636, a pagina 637, a pagina 638, a pagina 639, a pagina 640, a pagina 641, a pagina 642, a pagina 643, a pagina 644, a pagina 645, a pagina 646, a pagina 647, a pagina 648, a pagina 649, a pagina 650, a pagina 651, a pagina 652, a pagina 653, a pagina 654, a pagina 655, a pagina 656, a pagina 657, a pagina 658, a pagina 659, a pagina 660, a pagina 661, a pagina 662, a pagina 663, a pagina 664, a pagina 665, a pagina 666, a pagina 667, a pagina 668, a pagina 669, a pagina 670, a pagina 671, a pagina 672, a pagina 673, a pagina 674, a pagina 675, a pagina 676, a pagina 677, a pagina 678, a pagina 679, a pagina 680, a pagina 681, a pagina 682, a pagina 683, a pagina 684, a pagina 685, a pagina 686, a pagina 687, a pagina 688, a pagina 689, a pagina 690, a pagina 691, a pagina 692, a pagina 693, a pagina 694, a pagina 695, a pagina 696, a pagina 697, a pagina 698, a pagina 699, a pagina 700, a pagina 701, a pagina 702, a pagina 703, a pagina 704, a pagina 705, a pagina 706, a pagina 707, a pagina 708, a pagina 709, a pagina 710, a pagina 711, a pagina 712, a pagina 713, a pagina 714, a pagina 715, a pagina 716, a pagina 717, a pagina 718, a pagina 719, a pagina 720, a pagina 721, a pagina 722, a pagina 723, a pagina 724, a pagina 725, a pagina 726, a pagina 727, a pagina 728, a pagina 729, a pagina 730, a pagina 731, a pagina 732, a pagina 733, a pagina 734, a pagina 735, a pagina 736, a pagina 737, a pagina 738, a pagina 739, a pagina 740, a pagina 741, a pagina 742, a pagina 743, a pagina 744, a pagina 745, a pagina 746, a pagina 747, a pagina 748, a pagina 749, a pagina 750, a pagina 751, a pagina 752, a pagina 753, a pagina 754, a pagina 755, a pagina 756, a pagina 757, a pagina 758, a pagina 759, a pagina 760, a pagina 761, a pagina 762, a pagina 763, a pagina 764, a pagina 765, a pagina 766, a pagina 767, a pagina 768, a pagina 769, a pagina 770, a pagina 771, a pagina 772, a pagina 773, a pagina 774, a pagina 775, a pagina 776, a pagina 777, a pagina 778, a pagina 779, a pagina 780, a pagina 781, a pagina 782, a pagina 783, a pagina 784, a pagina 785, a pagina 786, a pagina 787, a pagina 788, a pagina 789, a pagina 790, a pagina 791, a pagina 792, a pagina 793, a pagina 794, a pagina 795, a pagina 796, a pagina 797, a pagina 798, a pagina 799, a pagina 800, a pagina 801, a pagina 802, a pagina 803, a pagina 804, a pagina 805, a pagina 806, a pagina 807, a pagina 808, a pagina 809, a pagina 810, a pagina 811, a pagina 812, a pagina 813, a pagina 814, a pagina 815, a pagina 816, a pagina 817, a pagina 818, a pagina 819, a pagina 820, a pagina 821, a pagina 822, a pagina 823, a pagina 824, a pagina 825, a pagina 826, a pagina 827, a pagina 828, a pagina 829, a pagina 830, a pagina 831, a pagina 832, a pagina 833, a pagina 834, a pagina 835, a pagina 836, a pagina 837, a pagina 838, a pagina 839, a pagina 840, a pagina 841, a pagina 842, a pagina 843, a pagina 844, a pagina 845, a pagina 846, a pagina 847, a pagina 848, a pagina 849, a pagina 850, a pagina 851, a pagina 852, a pagina 853, a pagina 854, a pagina 855, a pagina 856, a pagina 857, a pagina 858, a pagina 859, a pagina 860, a pagina 861, a pagina 862, a pagina 863, a pagina 864, a pagina 865, a pagina 866, a pagina 867, a pagina 868, a pagina 869, a pagina 870, a pagina 871, a pagina 872, a pagina 873, a pagina 874, a pagina 875, a pagina 876, a pagina 877, a pagina 878, a pagina 879, a pagina 880, a pagina 881, a pagina 882, a pagina 883, a pagina 884, a pagina 885, a pagina 886, a pagina 887, a pagina 888, a pagina 889, a pagina 890, a pagina 891, a pagina 892, a pagina 893, a pagina 894, a pagina 895, a pagina 896, a pagina 897, a pagina 898, a pagina 899, a pagina 900, a pagina 901, a pagina 902, a pagina 903, a pagina 904, a pagina 905, a pagina 906, a pagina 907, a pagina 908, a pagina 909, a pagina 910, a pagina 911, a pagina 912, a pagina 913, a pagina 914, a pagina 915, a pagina 916, a pagina 917, a pagina 918, a pagina 919, a pagina 920, a pagina 921, a pagina 922, a pagina 923, a pagina 924, a pagina 925, a pagina 926, a pagina 927, a pagina 928, a pagina 929, a pagina 930, a pagina 931, a pagina 932, a pagina 933, a pagina 934, a pagina 935, a pagina 936, a pagina 937, a pagina 938, a pagina 939, a pagina 940, a pagina 941, a pagina 942, a pagina 943, a pagina 944, a pagina 945, a pagina 946, a pagina 947, a pagina 948, a pagina 949, a pagina 950, a pagina 951, a pagina 952, a pagina 953, a pagina 954, a pagina 955, a pagina 956, a pagina 957, a pagina 958, a pagina 959, a pagina 960, a pagina 961, a pagina 962, a pagina 963, a pagina 964, a pagina 965, a pagina 966, a pagina 967, a pagina 968, a pagina 969, a pagina 970, a pagina 971, a pagina 972, a pagina 973, a pagina 974, a pagina 975, a pagina 976, a pagina 977, a pagina 978, a pagina 979, a pagina 980, a pagina 981, a pagina 982, a pagina 983, a pagina 984, a pagina 985, a pagina 986, a pagina 987, a pagina 988, a pagina 989, a pagina 990, a pagina 991, a pagina 992, a pagina 993, a pagina 994, a pagina 995, a pagina 996, a pagina 997, a pagina 998, a pagina 999, a pagina 1000.



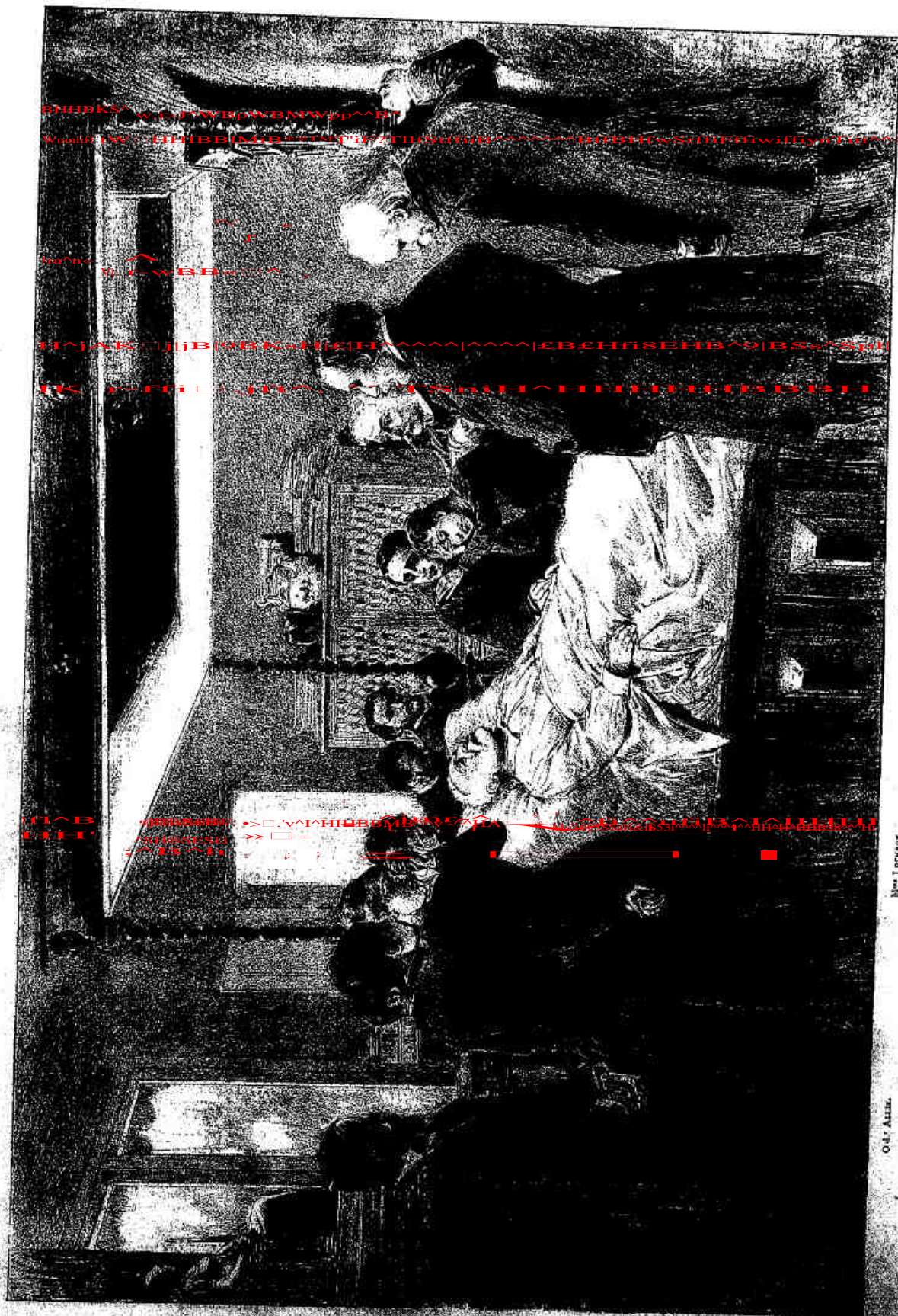


A transladação do corpo da casa mortuaria para o Arco de Triunfo.



A casa do poeta nas vésperas da morte.





Q. J. A. L. L.

M. S. LOCKER.

VICTOR HUGO & Hora da morte rodeado da sua familia e dos amigos da casa.

LONDON.

W. AGNEW.

Printed by



Imponentíssimo. A cúpula tem vinte e nove metros, cincoenta e cinco centímetros de altura; o catafalco tinha vinte e dois.

O ultimo detalhe do desenho de Adrien Marie são alguns *croquis* d'este immenso cortejo que levou cerca de 7 horas a passar, cortejo que enchia toda a distancella que vai do Arco do Triunpho ao Panthéon, cortejo de mais de 300.000 pessoas atravessando uma multidão de mais d'um milhão d'individuos. Era n'este cortejo que figuravam as mais bellas corações, que todas reunidas custavam para cima d'um milhão de francos (180 contos fortes).

~ Duas curiosas gravuras são as que representam a casa do poeta nas vespers da sua morte e na madrugada em que o corpo foi transportado para o Arco do Triunpho.

Nas vespers do fallecimento, quando estavam perdidas todas as esperanças, a multidão que affluia á casa que tem o n.º 50 da avenida Victor Hugo, era extraordinaria. Era gente de todas as classes — operarios, burguezes, aristocratas e artistas; era gente de todos os paizes que vinha saber noticias do illustre enfermo cuja doença era n'aquelle momento o cuidado de todo o mundo.

A trasladação do corpo foi scena deveras commovente. Ainda nos lembramos do grupo de poetas, Théodore de Banville e Catulle Mendès á frente, os olhos afuzados de lagrimas, sahindo de madrugada da casa mortuaria e pedindo á multidão silenciosa que abrisse caminho para a passagem do caixão. Depois, pela volta das cinco horas da manhã de segunda-feira, 1.º de junho, as portas abriram-se de par em par, o caixão foi collocado sobre este carro dos pobres todo coberto de corôas as mais ricas, de flores as mais raras — seguindo para o Arco do Triunpho, onde o cadaver foi guardado pelo grupo dos poetas até á hora em que começaram os primeiros preparativos para a sahida do cortejo.

~ Outra gravura realmente curiosa e de grande valor historico é ainda esta pagina de Adrien Marie representando Victor Hugo á hora da morte rodeado da familia, dos amigos intimos e dos medicos. Pelos nomes indicados na parte inferior do nosso cliché os leitores terão occasião de conhecer as physionomias de todos aquelles que assistiram aos ultimos momentos do grande poeta. Adrien Marie que, como dissemos mais acima, teve a honra d'entrar no quarto mortuario pouco, com o auxilio de photographias, reconstituir toda esta scena bem dolorosa. É uma pagina de grande valor para todos quantos desejam saber como esta vida se extinguiu.

~ A nossa grande gravura do centro representa o Arco do Triunpho na madrugada do grande cortejo, quando o caixão foi collocado no immenso catafalco, á luz dos brandões e dos fogos mortuarios, protegido por uma guarda de honra de poetas.

~ A gravura do nosso supplemento representa o edificio do Panthéon onde Victor Hugo foi enterrado, ao lado do tumulo do Soufflot e em frente do tumulo de Jean-Jacques Rousseau — no momento em que o grande cortejo do dia 1.º de junho chegava ao templo consagrado a Santa Genevieve por Napoleão I.º e que a Republica transformou definitivamente em edificio de honra onde são enterrados os homéms illustres de França.

O Panthéon está situado ao fundo da rua Soufflot, em frente do Luxembourg, em pleno bairro latino, o bairro dos estudantes. Foi nas escadas do Panthéon que se collocaram todas as corôas que figuraram no cortejo, estas centenas de corôas que foram o espanto da multidão que assistiu a esta assombrosa apothéose — e que estiveram expostas durante oito dias pelas immensas escadarias d'aquelle edificio.

~ A gravura que representa a passagem do cortejo pela praça e ponte da Concordia, não é menos curiosa. E ella que nos dá uma idea do que foi este cortejo de mais de 300.000 pessoas, atravessando uma multidão de mais de um milhão de individuos.

O desenho foi tomado da entrada do boulevard St-Germain, vendo-se ainda á esquerda um pedaço

da Camara dos deputados, e em toda a sua extensão a ponte e parte da praça da Concordia, a mais bella praça da Europa. Aqui, o aspecto era maravilhoso. Não sómente uma multidão assombrosa enchia toda esta immensa área, mas milhares de individuos tinham ido collocar-se em cima das estatuas que representam as grandes cidades de França; em cima dos candieiros, das arvores, dos telhados e das chaminés...

Como curiosidade, querem saber a quanto sobem os prejuizos causados nas arvores dos Campos-Élyseos, do boulevard Saint-Germain, Saint-Michel e Luxembourg? A cerca de 60 contos de reis fortes!

~ O retrato de Victor Hugo que hoje damos é a copia exacta do retrato do morto, feito pelo celebre pintor Bonnat uma hora depois do fallecimento, e offerecido a Jorge Hugo, o neto do poeta.

Não poderíamos comôr melhor esta serie de gravuras senão pela reprodução d'este esquisse tão robusto e tão verdadeiro que o artista tão amavelmente dispous a ILUSTRAÇÃO, sendo o nosso jornal e os de Paris os unicos que têm a honra de publicar semelhante retrato.

### HYMNO A VICTOR HUGO

~ Pareceu-nos tambem immensamente curioso offerecer n'este numero ás nossas leitoras o *Hymno a Victor Hugo* devido á penna do illustre compositor Camille Saint-Saëns, hymno que foi tocado pelas bandas militares de Paris no dia do cortejo, no momento em que começaram os discursos proximo do Arco do Triunpho. Esta publicação foi-nos amavelmente concedida pela casa Duran, Schœnwerck & C.º, uma das primeiras casas editoras de Paris. A obra que nós damos está reduzida para as proporções de piano. Mas as pessoas que desejam a orchestração completa poderão dirigir os seus pedidos á casa acima indicada, 4, place de la Madeleine, Paris.

No proximo numero esperamos offerecer ás nossas leitoras uma magnifica gravura de duas paginas representando o GRAND PRIX de Paris. Trataremos tambem de dar publicidade a outras gravuras de momento que ficaram preferidas em vista da immensa quantidade d'elichés que nos vimos forçados a fazer, em consequencia da morte de Victor Hugo — como estas gravuras de MODAS que tanto agradaram entre as familias que assignam a ILUSTRAÇÃO.

## COFRES PARTIDOS

Á NORTE DE GONÇALVES GRESPO

Onde não sei, mas li que uma princeza  
Houve que em certa vez, porque a ferira  
Pezar estranho, contra o chão partira  
Um raro cofre de oriental belleza.

E quando ao golpe o escrinio se entreabriu,  
Como trizada lagrima repreza,  
Fulge o diamante, a perola, a saphyra,  
O onix, o prazio, a pedraria acesa.

Como aquella princeza mysteriosa,  
Tu, contra a pedra tumular e fria,  
Vens de quebrar teu cofre cor de rosa...

Ah! quem no còllo as perolas mais puras  
Te recolhera, no final do dia...  
Doce musa gentil das Miniaturas!

ALBERTO DE OLIVEIRA



## AS LENDAS CHRISTÃS

(FRAGMENTO DUM LIVRO INEDITO)

~ A REHABILITAÇÃO das classes inferiores da sociedade, antes do Christianismo já se achava reconhecida pela força das corporações obreiras que se haviam constituído em todos os pontos do Imperio romano. A propaganda christã escolhendo essas classes, e lisongeando-lhes a ignorancia, fallou-lhes ao sabor das suas aspirações. Essas corporações em Roma tinham caracteres diferentes; os veteranos do imperio que regressavam á patria ao fim de muitos annos de trabalho presidiario, desconhecidos e desprezados ligavam-se entre si em pequenos collegios, conservando na sua pratica religiosa e nos seus banquetes fraternos as recordações dos cultos polytheistas das Gallias e da Hespanha, da Africa, da Asia menor e Asia anterior, que elles pela vulgar ignorancia facilmente syncretisavam no seu espirito. Os escravos e os libertos das grandes casas aristocraticas formavam tambem corporações ligadas pelo vinculo da fraternidade e pelo sentimento religioso de uma outra vida, sentimento que dava á essas pequenas comunidades o destino de providenciarem sobre as sepulturas dos seus associados garantindo-lhes o cumprimento dos deveres funerarios para com elles. Nas corporações obreiras, em que se infiltrou o christianismo, dominava uma rigorosa hierarchia, que veio tambem a passar para a Igreja e para os cenobios e mosteiros. As primeiras comunidades christãs destinavam-se á commemoração dos seus martyres, aos deveres de conservação das suas sepulturas, e pelo banquete fraternal do *agape* conservavam o espirito de união com que mutuamente se fortaleciam. As associações operarias da plebe romana e das colonias estrangeiras que estavam em Roma tinham os seus deuses patronos: Minerva era a padroeira das associações de tecelões, pisoeiros, tintureiros, sapateiros, dos carpinteiros, dos cutandeiros, essa *viti plebecula*, de que falla San Jeronymo como creadora da Igreja. Foi entre as associações obreiras de Roma que se desenvolveu o Christianismo, servindo a sua organização de Collegios para a primeira constituição da Igreja. A gente que constituia essas associações era os burriqueiros, os almocreves, os carneiros e erraes de jangadas, os sapateiros, carpinteiros, tintureiros, taberneiros, pedreiros, cocheiros e actores, os padeiros e todos os escravos, libertos e estrangeiros que viviam em Roma. Entre esta gente rude foram recrutados os primeiros crentes, os *chrestis*, assim chamados pela vileza da sua vestimenta. As lendas evangelicas que se formaram entre estes *chrestis*, traziam a imagem do meio em que nasciam; assim os apostolos eram pescadores, representados como *lenuncularii* e *scapharii*; o proprio San Joseph era carpinteiro para os *fabri tignari*, e mesmo Jesus era considerado no Evangelho da infancia como *tintureiro*: « Um certo dia o senhor Jesus brincando e correndo com outros rapazes passou pela officina de um tintoreiro que se chamava Salem; havia n'esta officina muitos paños pertencentes a diversas pessoas da cidade, e que Salem se preparava para tingir de diversas cores. Jesus, entrou na loja e arrojou tudo para a caldeira. Salem vendo os paños estragados, poz-se a gritar: — O que és que fazes, o filho de Maria? Prejudicas-me á mim e á gente da cidade; cada um queria a sua cor, e tu botaste tudo a perder. — O senhor

Jesus respondeu: — Eu mudarei cada pano para a cor que tu quizeres. E começou a tirar os panos e cada um saía da cor que o tintureiro desejava. « Gustavo Brunet, diz que esta passagem é conhecida dos Persas, e que segundo o evangelho apocrypho *A infancia de Jesus Christo*, elle exercera o officio de tintureiro, sendo entre os Persas venerado como patrono dos tintureiros, e chamando-se ali as officinas dos tintureiros officinas de Christo. (1)

Esta lenda confirma singulamente a significação da palavra *Christi*, a cor (distinctiva dos escravos, e como se evemerisou em um individuo manchado de tintas (as *chagas*) e coberto com uma capa vermelha (a purpura real.)

Compreende-se como é que o culto da Virgem foi em Roma, e em geral em todo o Occidente, o meio mais activo de propaganda da nova religião; os estrangeiros e escravos vindos da Asia menor, da Africa ou das ilhas do Mediterraneo, traziam os seus cultos de Anah, de Mylitta ou de Venus, e facilmente aceitavam o patronato da deusa Minerva commun a todas as corporações operarias. A transformação fez-se espontaneamente, sendo a força das cousas mais poderosa do que a intervenção individual de um Sam Paulo, que teve o tino de aproveitar a corrente. Algumas outras corporações tinham por patrono Baccho, a forma hellenica dos deuses solares que se sacrificiam morrendo prematuramente. Outros eram cultores *Herculi*. Em este o campo em que se desenvolveram os mythos da *Natividade* e da *Paixão*, prevalecendo um sobre o outro mais grado o plano doutrinario da Igreja nascente. As associações romanas conservaram sempre um caracter religioso, que as Jurandas da Edade media foram perdendo, e de que vemos o sentimento inicial ainda representado nos symbolos e emblemas com que os officios tomavam parte na procissão annual de Corpus Christi, até ainda ha muito pouco tempo. Como nas nossas capitães no dia do Corpo de Deus, as corporações romanas sahiam em procissão com as suas insignias. Quando a Igreja renegou as suas origens populares, não se esqueceu de condemnar e perseguir as associações operarias, onde as vestes brancas, o incenso e o vinho eram elementos cultuaes, bem como a comemoração dos mortos, de que a Igreja, saída d'essas *Scholae* se arrogava o uso exclusivo. Para esta obra de destruição, os Papas serviram-se do fanatismo dos imperadores christãos, que entregaram a Igreja as suas dotações e riquezas.

A Igreja considerava-as depois do iv século como poderosos focos de paganismo; portanto durante esses quatro seculos nas corporações de officios se elaboraram as lendas de origen oriental e occidental que foram redigidas nos Evangelhos apocryphos.

O Evangelho da *Natividade*, regeitado pela Igreja bem como o de *José o Carpinteiro*, representam as duas formas mais predominantes do polytheismo popular em Roma, o culto das Deusas-Mães, e o destino funerario das associações chamadas *Columbaria*, em que revive também o culto das cavernas e das lapinhas nas Catacumbas. Estas duas formas religiosas de associação vieram a confundir-se, ficando as *Columbaria* sob o patronato de Diana e de Cybele, e pela hallucinação produzida pela implantação do culto da Deusa de Pessinunte em Roma, as mulheres formaram parte das novas sociedades, e vieram a ser as agentes activas da propaganda do Christianismo pela transformação d'esses cultos no da Virgem Mãe. Não de appurecer com certeza nos primeiros seculos da Igreja todos estes elementos polytheistas, os ritos da prostituição sagrada nos banquetes das ágapes, e nos costumes das agapetas, nas lendas de *Anna*, de *Sam João Baptista*, e nos emblemas da *pomba phallica*, e na *pedra* de *Pedro*; os ritos funerarios d'essas associações transfor-

mam-se na lenda de *Sam José*, que teve na Igreja um papel menos do que secundario. A razão d'esta ultima tendencia está no facto de que no primeiro século permitiram a liberdade de associação para as corporações funerarias, de que o Christianismo soube aproveitar-se, e quando Septimio Severo permitiu essa liberdade ás provincias, a propaganda da nova religião achou as condições de se espalhar pelas colonias do Imperio.

Muitos dos costumes modernos, como as *Festras* no começo do anno, e a comemoração dos *Fieis defuntos*, eram cerimonias das associações funerarias de Roma conservadas na Igreja que se criou n'esse meio.

Conhecido tal meio e a influencia que exerceu na formação evangelica, vejamos este periodo activo da credulidade popular, profundamente poético, d'onde a Arte moderna soube por intuição genial tirar os seus themes. Toda essa efflorescência se acha recopilada nos *Evangelhos apocryphos*, que a Igreja desprezou. Gustavo Brunet, no estudo que precede a sua tradução, diz d'elles: « Estas lendas eram poemas populares dos primeiros neophyos do culto novo; e a fé e a imaginação embellezaram-nas incessantemente; ali se encontram fragmentos reconheciáveis de composições em verso, e que eram com certeza cantados. » (1) Depois de nos mostrar a relação que existe d'essas lendas para com as grandes epopéas literarias de Dante, Milton e Klopstock, o intelligente traductor, explicando uma popularidade sympathica de quatorze seculos, traça o quadro historico e moral em que se formaram esses Evangelhos: « Os gentios ainda imbuídos das fabulas da mythologia, os judeus convertidos, porém com a cabeça cheia das maravilhas que inventava a imaginação dos rabbins, esses neophyos da vespéra, espalhados por Jersalem, por Alexandria e por Epheso, não podiam vencer de repente a sua tendencia para taes ficções. Foi sempre um característico dos povos do oriente o misturar o conto, a parábola ás materias as mais graves. Nas lendas evangelicas apocryphas ha o cunho profundo e notavel de uma fusão operada entre as opiniões antigas e os dogmas novos. » (2) O culto d'um Mediador, o dogma da expiação propagado pelos orphicos, e até o proprio mithrismo sobre que veio a ser incorporado o christianismo, eram crenças recentes comparadas com os velhos mythos populares do polytheismo. E por isso que os themes lendarios derivados do culto do Fogo, se renovaram nas lendas da *Natividade*, ao passo que o Evangelho que se refere á lenda mithrica da descida aos Infernos é o mais moderno, e pouco anterior ao quarto século. O estilo dos Evangelhos apocryphos condiz com o estado intellectual das classes operarias que repetiam as tradições, que pelo facto de serem escriptas se tornaram *Legendas*. « Redigidas no estylo popular das épicas e dos logares que as viram nascer, esses escriptos eram de uma grande ingenuidade de estylo. Vê-se que elles foram traçados por homens sem arte; os rhetoricos da turbulenta Alexandria, da Grecia degenerada, não passaram por ali. Muitas repetições, simplicidades e particularidades tocantes e ingenuas, imagens graciosas, milagres que se podem considerar como parabolias engenhosas, ás vezes trechos verdadeiramente grandiosos e elevados, » tal é o seu caracter. (3). São estes os documentos inconscientes que revelam a vida intima da primeira geração evangelica; não foram ainda submetidos a um systema de coordenação tradicional por onde se reconstituam as tradições polytheistas que entraram no christianismo. Escriptos na época em que predominava a *disciplina arcani*, é n'elles que se encontram os elementos mythicos que se dissolveram nas lendas da *Natividade*.

THEOPHILO BRAGA.

- (1) *Les Evangelhes apocryphes*, p. 2, Paris, 1863.  
(2) *Ibid.*, p. 11.  
(3) *Ibid.*, p. vi.

## A ARLESIANA

Uma noite de setembro de 1863, a luz da lua cheia brilhava sobre a cidade de Arles, na Provença. O velho castello de Saint-Étienne, que se elevava sobre o monte de Saint-Étienne, parecia uma colina de fogo. A luz da lua cheia brilhava sobre a cidade de Arles, na Provença. O velho castello de Saint-Étienne, que se elevava sobre o monte de Saint-Étienne, parecia uma colina de fogo. A luz da lua cheia brilhava sobre a cidade de Arles, na Provença. O velho castello de Saint-Étienne, que se elevava sobre o monte de Saint-Étienne, parecia uma colina de fogo.

Por ir a aldeia, quando se desce do moimho, passa-se diante d'um predio edificad proximo da estrada, no fundo d'um grande pátio todo aradado. É a casa do lavrador da Provença, com os telhados vermelhos, a larga fachada cinzenta irregularmente distribuida, depois lá no meio o catavento do celeiro, a roldana para ligar os molhos de trigo e os molhos de feno já bastante secco...

Por que motivo me causou impressão esta casa? Por que razão este portal sempre fechado me opprimia a alma? Nunca fui capaz de o explicar, e portanto esta casa causava-me calafrios. Havia em torno d'ella um demasiado silencio... Quando alguém passava proximo, os cães não ladravam, e as gallinhas deixavam a fugir sem piar... Lá dentro, nem uma voz sequer!... Nada, nada, nem mesmo o guiso d'uma mula... Se não fossem as cortinas brancas das janelas e o fumo que subia dos telhados, dir-se-ia um sitio desabitado.

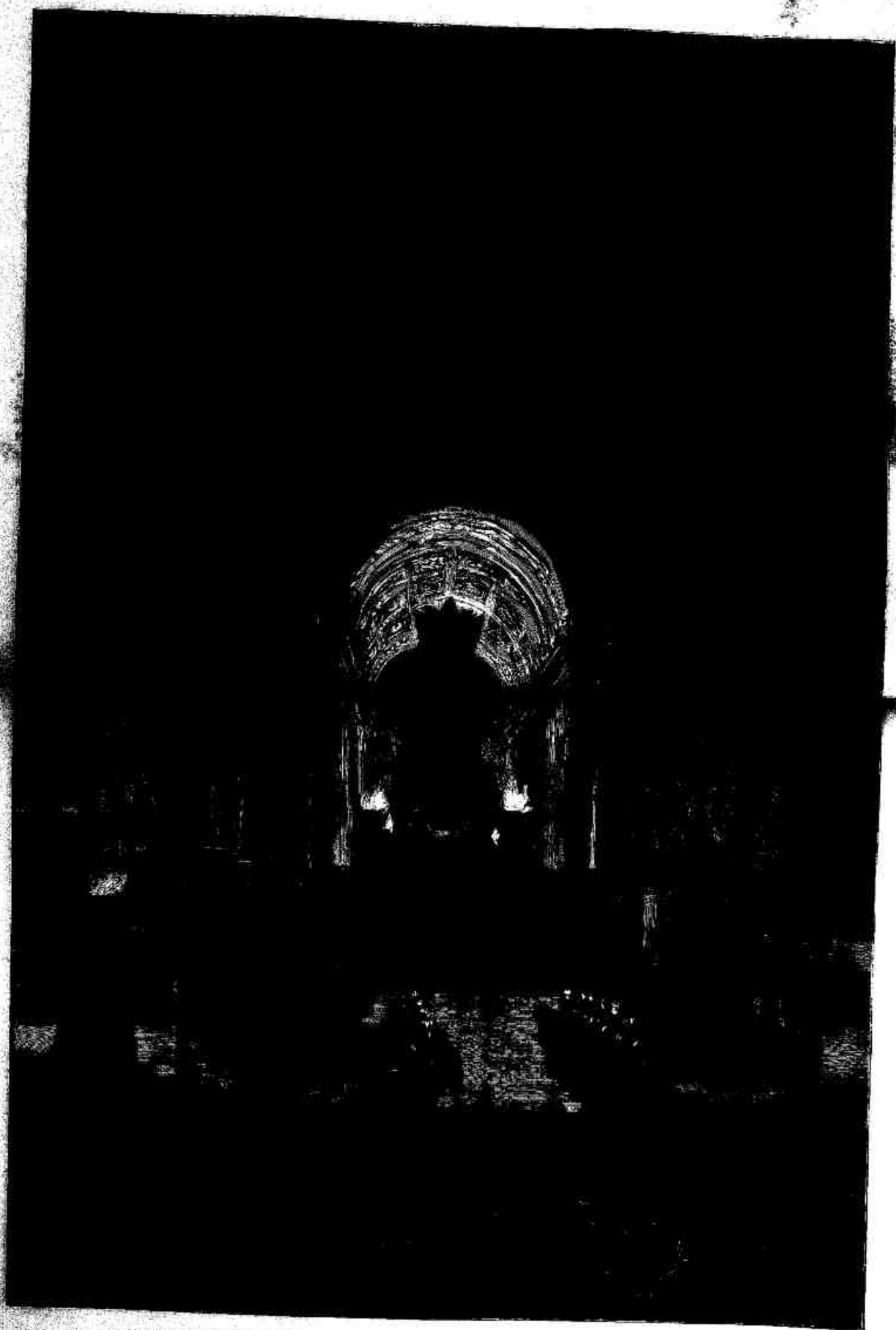
Hontem, pela volta do meio dia, voltava da aldeia, e, para evitar o sol, seguia encostado aos muros da quinta, á sombra das arvores que se inclinam para fóra... Na estrada, em frente da habitação, magos silenciosos acabavam de carregar um carro de feno... O portão tinha ficado aberto. Lancei um olhar, quando passei, e vi no fundo do pátio, a cabeça entre as mãos, os cotovellos fencados sobre uma meza de pedra, um grande velho todo branco, com um casaco muito curto e as calças em farrapos... Parei. Um dos homens disse-me em voz baixa:

— « Chut! é o patrão... Está assim desde que aconteceu no filho aquella grande desgraça... »

N'este momento uma mulher e um rapazito, vestidos de preto, passaram perto de nós e entraram para a quinta. O homem acrescentou:

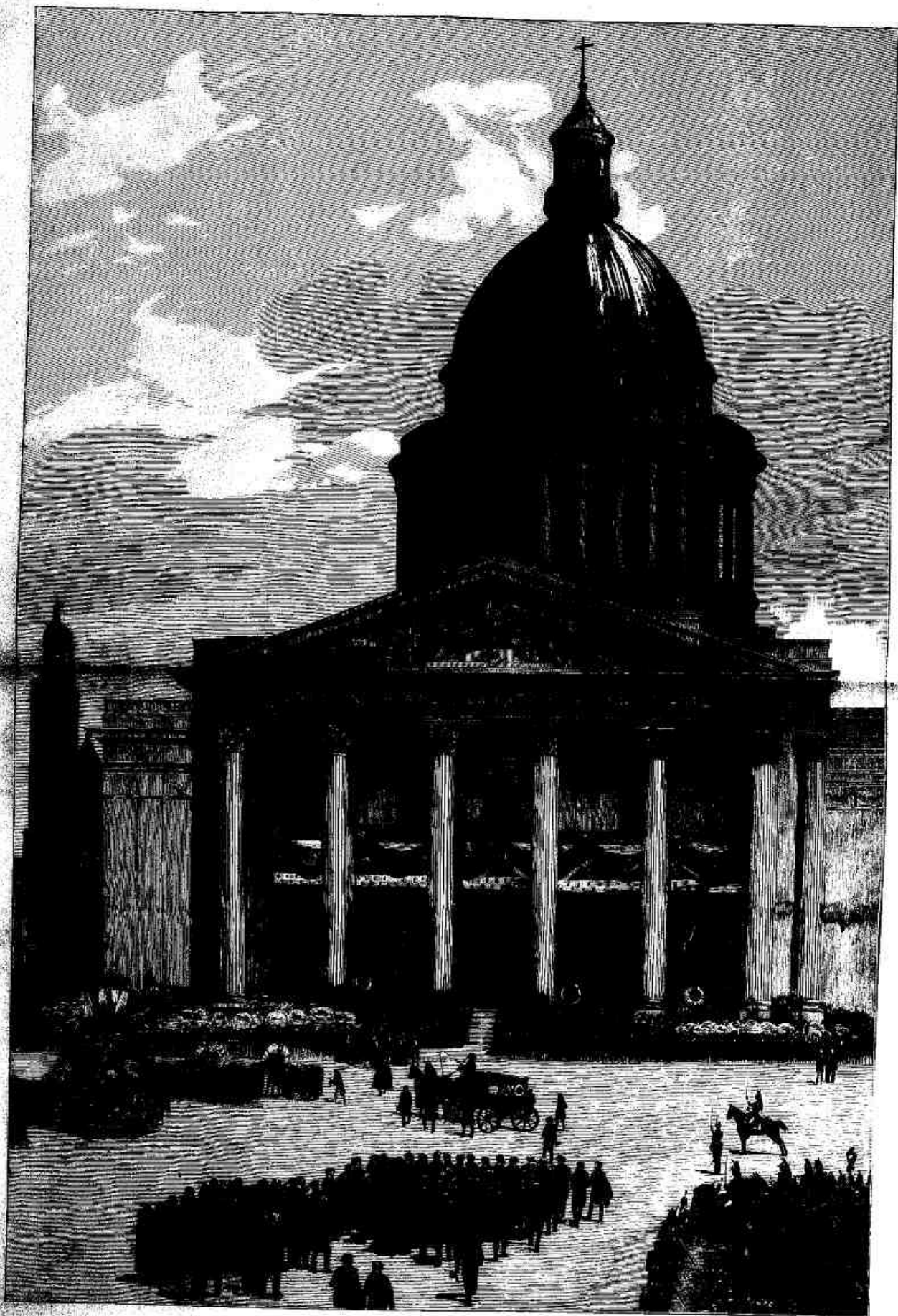
— « ... A patrão e o filho mais novo que voltam da missa. E onde vão todos os dias, desde que o filho se matou... Ah! querido senhor, que tristeza!... O pai traz ainda o fato do morto; ninguém é capaz de lh'e tirar... Oh! hé! animal. »

(1) *Evangelhos apocryphos*, p. 106. Ctm o Lexic. Poraleum, de De la Brosse, Vb.º, Theodorici ar.



OS FUNERAES DE VICTOR HUGO. — A exposição do corpo sob o Arco do Triunfo.





OS FUNERAES DE VICTOR HUGO — A chegada do cortejo ao Panthéon







prudently na via, comprehendendo este numero 52 casos de suicidio. Aos 31 viajantes acima citados, devemos juntar 104 casos de morte de viajantes, 29 das quaes devidas a quedas entre os comboios e entre os caes de chegada e da partida, e 41 por aquelles terem atravessado a via nas estações.

Entre os empregados de todas as classes, houve perto de 600 accidentes seguidos de morte, contando com os accidentes que tem lugar nos armazens, durante os trabalhos de limpeza das guies, etc., etc.

#### SOCIÉTÉ DE PSYCHOLOGIE PHYSIOLOGIQUE DE PARIS.

— Annunciamos aos nossos leitores a fundação recente de uma sociedade de psychologia physiologique, cujos estatutos, que não podemos reproduzir aqui, são em grande parte moldados sobre os da Sociedade de biologia.

A nova Sociedade tem por fim o estudo dos phenomenos psychics, no estado normal e no estado pathologique, pelos methodos de observação.

Compõe-se:

1.º De 30 membros titulares residentes em Paris;  
2.º De membros correspondentes nos departamentos.

A meza é a seguinte:

Presidente, M. Charcot;  
Vice-presidentes, MM. P. Janet e Th. Ribot;  
Secretario geral, M. Ch. Richet;  
Secretarios, MM. Ch. Féré e E. Gley;  
Tesoureiro, M. Ferrari.

Para os membros correspondentes a cotização annual foi provisoriamente fixada a 12 fr.

As pessoas que desejarem associar-se deverão dirigir-se a M. Ch. Richet, escriptorio da *Revue scientifique* ou ao escriptorio da *Revue philosophique*.

UM NOVO PROJECTIL. — Trata-se de um obus contendo 6 kilogrammas de gelatina explosiva, isto é 5 kilogrammas e meio de nitro-glicerina pura, com o qual se experimentou recentemente em Washington. Um canhão do calibre de 15 centimetros da carregar pela culatra lançou tres d'estes obuses. O primeiro tiro foi dirigido sobre um alvo que ficou esmagalhado assim como o massiço que o sustentava. O segundo e terceiro tiros foram dirigidos sobre um rochedo de grandes dimensões collocado a 900 metros de distancia; o segundo feriu a extremidade occidental do rochedo e fez explosão quebrando a rocha em um raio de 9 metros e produzindo muitas toneladas de destroços; o terceiro obus foi bater mesmo no centro do rochedo, no qual fez uma abertura de 7 metros de diametro e de 2 metros de profundidade. Os fragmentos da rocha projetados para todos os lados, foram lançados até 3.000 metros de distancia. Um d'elles, pesando 6 kilogrammas, foi encontrado, enterrado no solo, a 2 kilometros do campo de tiro.

Estas novas experiencias demonstram a possibilidade, pelo emprego de obuses carregados com nitro-glicerina, de obter com canhões de pequeno calibre, effectos tão consideráveis como os que até hoje pareciam exclusivamente reservados aos canhões de grande calibre. Quanto ao abalo do ar, era tal durante o tiro, que em muitas casas, situadas a mais de meio kilometro do alvo, os vidros das janellas ficaram quebrados.

A « FIRE ESCAPE ». — A escadas electricas de salvacão para incendio, ou *fire escape*, estão muito espalhadas em todas as cidades de Inglaterra do mesmo modo que na America, mas tem o grande inconveniente de chegar sempre tarde ao lugar do sinistro. Vendo isto um engenheiro Americano teve a idea, recorrendo á electricidade, de instalar em Pittsburgh, em um hotel de sete andares, um systema por meio do qual basta que o empregado que nunca deixa o escriptorio carregue em um botão, para logo serem acordados todos os viajantes em todos os quartos, abertas todas as janellas e desenroladas todas as escadas de salvacão que tem o compromisso necessario para attingir o solo.

#### OS ALOJAMENTOS EM ANVERA DURANTE A EXPOSIÇÃO.

— Para supprir a insufficiencia dos alojamentos durante a exposição, e para impedir uma exploração excessiva, a commissão instituida pela administração communal da cidade de Anversa distribuiu em sete categorias os quartos e habitações que estão para alugar. Os preços diarios lidos para as diferentes classes de alojamento são: 15 fr., 10 fr., 8 fr., 6 fr., 4 fr., 2 fr. 50 e 1 fr. 50. O almoço segundo o costume do paiz, a luz e o serviço estão comprehendidos nesta tarifa.

As grandes salas da exposição das bellas-artistas estão terminadas ou terminando-se brevemente. O todo é muito bonito, e a fachada tem um bello aspecto. O visitante acreditará difficilmente que toda esta construção é um simples tabique cuberto de estuque.

O COMMERCIO DAS LARANJAS EM FRANÇA. — A abundancia d'este fructo cresce de anno para anno nos mercados francezes: ha cincoenta annos, a França recebia apenas 8,000 toneladas de laranjas; em 1884, importou 55,000, representando um valor de 13 milhoes de francos.

Segundo o *Saïr* que fornece esclarecimentos interessantes a este respeito, a Algeria, graças aos progressos da cultura das laranjeiras, fornece-nos actualmente 5,000 toneladas que são preciosas para o commercio e para o porto maritimo.

#### CONGRESSO E EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA EM ROMA.

— No dia 15 de outubro proximo, terá lugar em Roma no mesmo tempo que o congresso penitenciario, um congresso de anthropologia criminal. Os senhores alienistas e directores dos asyls poderão enviar sem despezas photographias dos craneos, estudos graphicos, estatisticas sobre os cerebros dos criminosos, doidos, epilepticos, etc. Deverão dirigir-se a M. Beltrami-Salva, conselheiro de Estado no ministerio do interior, Roma.

CONGRESSO. — O congresso archeologico de França reunir-se-ha este anno na 52ª sessão em Montbrison (Loire). Esta sessão abrir-se-ha no dia 25 de junho quinta-feira, da treze horas, na sala da Diana, e durará até quinta-feira 2 de julho inclusivamente. No decurso do Congresso terão lugar numerosas excursões archeologicas.

CONGRESSO DE HIGIENE. — De 3 a 5 de setembro proximo, reunir-se-ha em Budapest um congresso de hygiene; tratar-se-ha quasi exclusivamente de questões relativas a Hungria.

INFLUENCIA DO CALOR E DA LUZ SOBRE A VEGETAÇÃO. — *Ciel et Terre* publica os trabalhos de M. Hellriegel a este respeito. Este sabio occupou-se primeiro da determinação da mais baixa temperatura á qual as sementes podem germinar, e distribuir as suas experiencias por dezoito especies de plantas de cultura. As sementes regadas com agua destillada tinham sido mettidas em enormes vasos de terra vegetal que em seguida foram elevadas a temperaturas constantes, + 8°, + 5°, + 3°, + 1°, e 0°, das quaes foram conservadas durante um espaço de tempo variando entre 35 e 60 dias, observando-se as temperaturas do solo e o numero das sementes rebentadas.

Viu-se que o centeio e o trigo de inverno germinavam a 0°. A cevada e a aveia deixavam sahir o cotyledão a 0°, mas a raiz não crescia sendo a 2°. O milho exigia 8°, 7. O nabio germinava a 0°, o linho a 2°, a ervilha e o trevo a 2°, a fava e o tremço a 3°, o espargo a 2°, a senoura a 3° e a betteraba a 5°.

Depois introduziram-se sementes de cevada em vasos e meios identicos mas a diferentes temperaturas (10°, C, 20° 30°, 40°, ar ambiente). A experiencia durou desde 9 de agosto até 9 de novembro e viu-se

que a temperatura de 20° era a mais favoravel para a cevada.

A função respiratoria exige pouco calor e prossegue mesmo na ausencia completa da luz. O calor e a luz pelo contrario são eminentemente favoraveis á assimilação do acido carbonico e á sua transformação em carbonio. A coloração da luz pareceu de pouca importancia a M. Hellriegel.

OS NOMES DOS PEQUENOS PLANETAS. — Eis os nomes dados a estes asteroides com os dos autores da respectiva descoberta:

- Planeta n.º 244, descoberto por M. Palisa, chamado Sêtu.
- n.º 245, descoberto por M. Pogson, chamado Vera.
- n.º 246, descoberto por M. Borrelly, chamado Asporina.
- n.º 247, descoberto por M. Luther, chamado Eucrate.

## A ILUSTRAÇÃO

Os nossos numeros do *Salon* e os que se referem á morte de Victor Hugo, vieram mais uma vez provar ao publico de Portugal e do Brazil que é a ILUSTRAÇÃO o unico jornal que em lingua portugueza se acha ao par dos primeiros jornaes illustrados de Berlim, Londres e Paris.

A ILUSTRAÇÃO tem por fim não só reunir nas suas paginas gravuras que digam respeito aos dois paizes onde se falla a lingua portugueza, mas tambem gravuras de assumptos universaes. O simples facto de se imprimir em Paris á garantida sufficiente do valor d'essas gravuras. Além d'isso, a exemplo do que se faz em Italia e na Alemanha publica em todos os numeros, uma ou duas paginas de MUSICAS NOTAVES para piano, e regularmente a ultima novidade de MODAS PARISIENSES.

Na sua parte litteraria a ILUSTRAÇÃO tem publicado sempre artigos notaveis dos primeiros escriptores de Portugal e do Brazil.

E por tanto a revista mais completa que se conhece e tambem a mais modesta em preços, apesar do seu grande formato, do seu optimo papel e do seu numero de paginas.

PREÇO NO BRAZIL, 500 reis cada numero.

## AS NOSSAS CAPAS

Lembramos a todos os nossos assignantes, que já se acham em poder dos correspondentes da ILUSTRAÇÃO em Lisboa e Rio de Janeiro as ultimas remessas de capas para encadernar o 1.º volume do 1.º anno da nossa revista.

Como dissemos em numeros anteriores, estas capas são de magnifica percalina vermelha, assetinada, com ornatos a ouro e preto, estylo Renascença, e feitas nas grandes officinas de encadernação da casa Engel et C.ª de Paris.

Sendo estas as ultimas remessas, lembramos a todos os nossos assignantes que ainda não tenham estas luxuosas encadernações, a conveniencia de communicarem os seus pedidos ao nosso agente em Lisboa, sr. David Corazzi, 42, rua da Atalaya, — e ao nosso agente no Rio de Janeiro, Garçeta de Notícias, 70, rua do Ouvidor.

Apenas esgotadas estas remessas só poderemos satisfazer novos pedidos em fins do anno de 1885, quando a ILUSTRAÇÃO fizer a sua grande encomenda de capas para o 2.º volume d'este jornal.



VICTOR HUGO MORTO. RETRATO POR ROMAN





OS FUNERAES DE VICTOR HUGO. — O cortejo na Ponte da Concordia.



# HYMNO A VICTOR HUGO

POE CAMILLE SAINT-SAËNS

DURAND, SCHENKERE et C.<sup>a</sup>, editores, 4, praça da Magdalena, Paris.

The musical score is presented in two systems. The left system begins with a piano introduction marked 'Moderato' and 'Sotto voce'. It features a complex piano accompaniment with rapid sixteenth-note passages in the right hand and a more melodic line in the left hand. The first vocal entry is marked 'Cresc.' and 'Forte'. The right system continues the vocal parts, with a 'Dim.' marking indicating a decrease in volume. The piano accompaniment continues with intricate textures, including a 'Ritornello' section marked 'Ritornello' and 'Moderato'. The score concludes with a final cadence.



This page contains musical notation for a piece, likely a symphony or concerto. The notation is arranged in two main systems, each with multiple staves. The left system includes markings such as "Plus lent", "Tempo", "Rit.", "Piu mosso", and "sempre rit.". The right system includes markings such as "Marcato" and "Cresc.". The notation includes various musical symbols, including notes, rests, and dynamic markings.

The page is numbered 191 in the top right corner. The title "A ILUSTRAÇÃO" is at the top center. The musical notation is in French, with markings such as "Plus lent", "Tempo", "Rit.", "Piu mosso", "sempre rit.", "Marcato", and "Cresc.". The notation includes various musical symbols, including notes, rests, and dynamic markings.

The page is numbered 191 in the top right corner. The title "A ILUSTRAÇÃO" is at the top center. The musical notation is in French, with markings such as "Plus lent", "Tempo", "Rit.", "Piu mosso", "sempre rit.", "Marcato", and "Cresc.". The notation includes various musical symbols, including notes, rests, and dynamic markings.



